

ESCALA DE ASSERTIVIDADE RATHUS - RAS: ADAPTAÇÃO BRASILEIRA*

Luiz Pasquali e Valdiney Velôso Gouveia
Universidade de Brasília

RESUMO - Com uma amostra de 302 estudantes solteiros secundaristas e universitários, tendo idade média de 19 anos, foi adaptada e validada para o Brasil a Escala de Assertividade RAS. Uma análise fatorial Alpha mostrou a presença de um grande fator, no qual 20 dos 30 itens originais da escala possuíam cargas relevantes. O fator foi definido como Inibição vs. Desinibição, apresentando uma consistência interna de 0,81 (Alpha de Cronbach). Dois outros fatores apareceram, mas com estrutura ainda muito indefinida. Concluiu-se que a escala é útil para medir Inibição vs. Desinibição, porém apresenta-se modesta para medir o construto assertividade.

RATHUS' ASSERTIVENESS SCALE - RAS: BRAZILIAN ADAPTATION

ABSTRACT - The RAS was validated for Brazilian population with a sample of 302 single high-school and university students. An Alpha factor analysis revealed the presence of a single major factor in which 20 of the original 30 itens had high loadings. The factor was identified as inhibition vs. uninhibition and had an alpha = .81. Two other factors appeared, but their structure is still not clearly defined. It was concluded that the scale is useful to measure one aspect, but not the full range of meaning of the construct of assertiveness.

O objetivo deste trabalho consistiu em adaptar a Escala de Assertividade Rathus - RAS, de Rathus (1973), para o contexto brasileiro. Para melhor situar esta escala, é inicialmente realizada uma apresentação sumária sobre a conceituação da assertividade e temas correlatos, baseada em dados da leitura sobre o tema.

Conceituação

Assertividade constitui um conceito ainda em formação, dada a variedade de diferentes definições que se dão à mesma. Wolpe e Lazarus (1966) definem assertiva como "toda a expressão socialmente aceitável de direitos e sentimentos" (p. 39). Lieberman (1972) define-a como capacidade de auto-expressão, ao passo que Lazarus (1971) considera-a como o hábito de liberdade emocional. Por outro lado, Alberti e

* Trabalho realizado no Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida - PAM, UnB.
Endereço: UnB, ICC Sul, Asa Norte, Brasília, DF, 70910.

Emmons (1974) consideram a assertividade como o "comportamento que capacita a pessoa a agir em prol de seus interesses, defender-se sem sentir indevida ansiedade, expressar seus direitos sem destruir os direitos dos outros (p. 2). Outros a definem como a capacidade de emitir respostas e tomar decisões que são mais auto-afirmativas do que auto-destrutivas em situações de conflito (Goldstein, Martens, Hubben, Van Belle, Schaaf, Weirisma e Goedhart, 1973). Com mais detalhes aparece a definição de Rich e Schroeder (1976):

comportamento assertivo é a aptidão de procurar, manter e favorecer reforço numa situação interpessoal através da expressão de sentimentos ou vontades quando tal expressão arrisca perda de reforço e até punição. (Rich e Schroeder, 1976, p. 1052)

Procurando sintetizar os elementos ou comportamentos envolvidos nestas definições, podemos verificar que eles também variam de autor para autor. Assim, para Lazarus (1973) há quatro elementos fundamentais: habilidade de dizer não; capacidade de pedir favores e fazer exigências; habilidade de expressar sentimentos positivos e negativos; e habilidade de começar, continuar e terminar conversas em geral. Já Galassi, DeLeo, Galassi e Bastien (1974) acentuam a expressão de sentimentos positivos; expressão de sentimentos negativos; e *self-denial* (tendência a preocupações exageradas com os sentimentos dos outros). Por outro lado, O'Connor (1969) se refere unicamente à capacidade de expressar opiniões e não concordar com opiniões contrárias às suas.

Diante das várias concepções de assertividade podemos, ao que parece, concluir que os elementos constitutivos que devem entrar em uma definição de assertividade seriam os seguintes:

- trata-se de uma habilidade em situações interpessoais
- caracterizada pela capacidade de
 - discordar de alguém (dizer não);
 - auto-afirmar-se;
 - pedir e exigir sem constrangimentos;
 - expressar livremente qualquer sentimento (positivo ou negativo).

Discute-se, ainda, se a assertividade constitui um traço de personalidade ou depende intrinsecamente de fatores situacionais. Outra discussão gira em torno de ser o conceito unitário ou multivariado.

Há autores que defendem a assertividade como sendo um conceito ou traço de personalidade unitário (Salter, 1949; Cattell, 1965; Wolpe, 1980). Contudo, análises fatoriais não conseguiram evidenciar a presença de um único grande fator (Lawrence, 1970). Outros, fazendo análise fatorial da *Constriction Scale* (Bates e Zimmerman, 1971) descobriram a presença de mais de uma dúzia de fatores; a mesma análise feita no caso do *Assertion Inventory* (Gambrell e Richey, 1975) revelou onze fatores.

Outros autores ainda argumentam que não se trata de traço, seja unitário ou multivariado, mas sim de um conceito constituído unicamente por elementos situacionais (Eisler, Hersen, Miller e Blanchard, 1975; Rich e Schroeder, 1976).

Diante destes fatos, podemos concluir que o conceito de assertividade é multivariado. A discussão sobre a assertividade ser um conceito essencialmente hereditário ou situacional parece-nos desprovida de maior relevância, dado que a colocação da questão hereditariedade vs. meio ambiente como elementos constitutivos exclusivos de qualquer comportamento humano mostra-se ultrapassada

Finalmente podemos concluir com uma definição de assertividade nos seguintes termos: a assertividade é uma habilidade multivariada, que ocorre em situações de interação interpessoal, caracterizando-se por comportamentos que expressam a capacidade de um sujeito de: 1) discordar de outrem (dizer não); 2) auto-afirmar-se; 3) pedir e fazer exigências sem constrangimentos; 4) expressar livremente qualquer sentimento, seja positivo ou negativo.

A assertividade tem sido verificada estar positivamente relacionada com agressividade (Wolpe, 1958; Salter, 1949; Rathus, 1973), e negativamente com ansiedade (Wolpe, 1958; McFall e Marston, 1970). Certos autores (Lazarus, 1971; 1973) se insurgem contra tal ocorrência insistindo que se deve fazer distinção clara entre assertividade e agressividade, dado que nesta não ocorre o comportamento de apoio (*supportive assertive response* - Lazarus, 1973) que deve aparecer no comportamento assertivo. De fato, esta assertividade simpática é mais apreciada que a agressiva em situações interpessoais (Kem, 1982; Kern, Cavell e Beck, 1985; Rakos e Hrop, 1983; Woolfolk e Dever, 1979; Hrop & Rakos, 1985). Aliás, de um modo geral tem-se verificado que comportamentos não assertivos são mais apreciados pelas pessoas do que os assertivos (Kelley, Kern, Kirkley, Patherson e Keane, 1980; Hull e Schroeder, 1979; Woolfolk e Dever, 1979). Assim, de um modo geral as pessoas assertivas, embora sejam consideradas mais competentes, são também menos apreciadas pelas pessoas. De qualquer forma, os dois construtos apresentam uma relação positiva e, talvez, indiquem que se possa considerar assertividade como um contínuo que vai do normal (*supportive*) ao anormal (*aggressive*). Faltam estudos para dirimir esta questão.

Fatores Relevantes

Vários fatores podem afetar o comportamento assertivo, tais como sexo, valores da sociedade, valores pessoais e momento situacional.

Sexo

Há pesquisas (Broverman, Broverman, Clarkson, Rosenkrantz e Vogel, 1970; Rosenkrantz, Vogel, Bee, Broverman, & Broverman, 1968; Kelley e col., 1980) que mostram ser o comportamento assertivo uma característica desejável no homem, mas indesejável na mulher. Isso parece se coadunar com a idéia de que a mulher deve ser uma pessoa delicada (*nice*), o que estaria negativamente correlacionado com a assertividade (Rathus, 1973). Resultados similares foram obtidos por Kelley e col. (1980) e por Lao, Upchurch, Corwin, e Grassnickle (1975). Entretanto, Kern e col. (1985) mostraram que tal ocorrência se deve à atitude geral dos sujeitos com relação ao papel feminino na sociedade; assim os que apoiam maior participação da mulher na sociedade, contrariamente aos que não apoiam, não discriminam diferencialmente os comportamentos assertivos manifestados por homens ou mulheres.

Fatores Situacionais

Aspectos situacionais também determinam se o comportamento verbal ou não-verbal é considerado assertivo ou perturbador (*disruptive* - Eisler e col., 1975; Meyer, 1971). Assim, o gritar em situações de intimidade não aparecerá como comportamento assertivo, pelo menos normal, nem o riso, em momentos de raiva.

Raça

Esta variável tem se mostrado muito influente na avaliação que as pessoas fazem do comportamento assertivo. Embora brancos e pretos avaliem mais positivamente uma assertividade tipo simpática sobre uma mais formal ou agressiva, os brancos fazem esta distinção quando o assertivo é um branco e não quando é um preto, ao passo que os pretos fazem o contrário (Hrop & Rakos, 1985).

Traços de Personalidade

Certos traços de personalidade se relacionam com a assertividade. De fato, Epstein (1980) verificou que a aceitação do comportamento assertivo está diretamente relacionada com submissão (*abasement*) e sentimentos de culpa e negativamente com agressividade verbal. Vestewing e Mose (1976), utilizando o Inventário de Eysenck e a escala RAS, descobriram uma relação positiva entre assertividade e extroversão, bem como relação negativa entre neuroticismo e assertividade. Pessoas não assertivas depreciam comportamentos assertivos e vice-versa (Kem, 1982), embora o estudo de Delamater e McNamara (1985) tenha posto algumas dúvidas nisto quando se trata de sujeitos femininos. Verificou-se, também, que pessoas assertivas têm menos problemas de saúde e apresentam um *locus* de controle mais internalizado (Williams e Stout, 1985).

Estes dados da literatura permitem esboçar um modelo causal das variáveis que afetam o comportamento assertivo:

Valores culturais ditam grande parte da manifestação e avaliação que se faz dos comportamentos da assertividade. Valores sociais incidem, sobretudo, sobre a manifestação e apreciação dos comportamentos assertivos manifestados por diferentes sexos. Fatores de personalidade e elementos situacionais também determinam tanto a manifestação quanto a avaliação da assertividade.

Medida da Assertividade

A assertividade se manifesta de forma verbal ou não-verbal, como contato visual, posições do corpo, expressões faciais e gestos, tendo sido identificada já uma série desses componentes (Alberti & Emmons, 1974; Serber, 1972; Wolpe & Lazarus, 1966). Assim, vários enfoques já foram utilizados na avaliação da assertividade, sendo os mais usuais o de tipo verbal de auto-relato. Contudo são também empregadas técnicas observacionais e medidas fisiológicas. Já existem disponíveis na literatura vários instrumentos. Neste artigo serão relacionados alguns deles, segundo a natureza da medição: medidas verbais, medidas comportamentais e medidas fisiológicas.

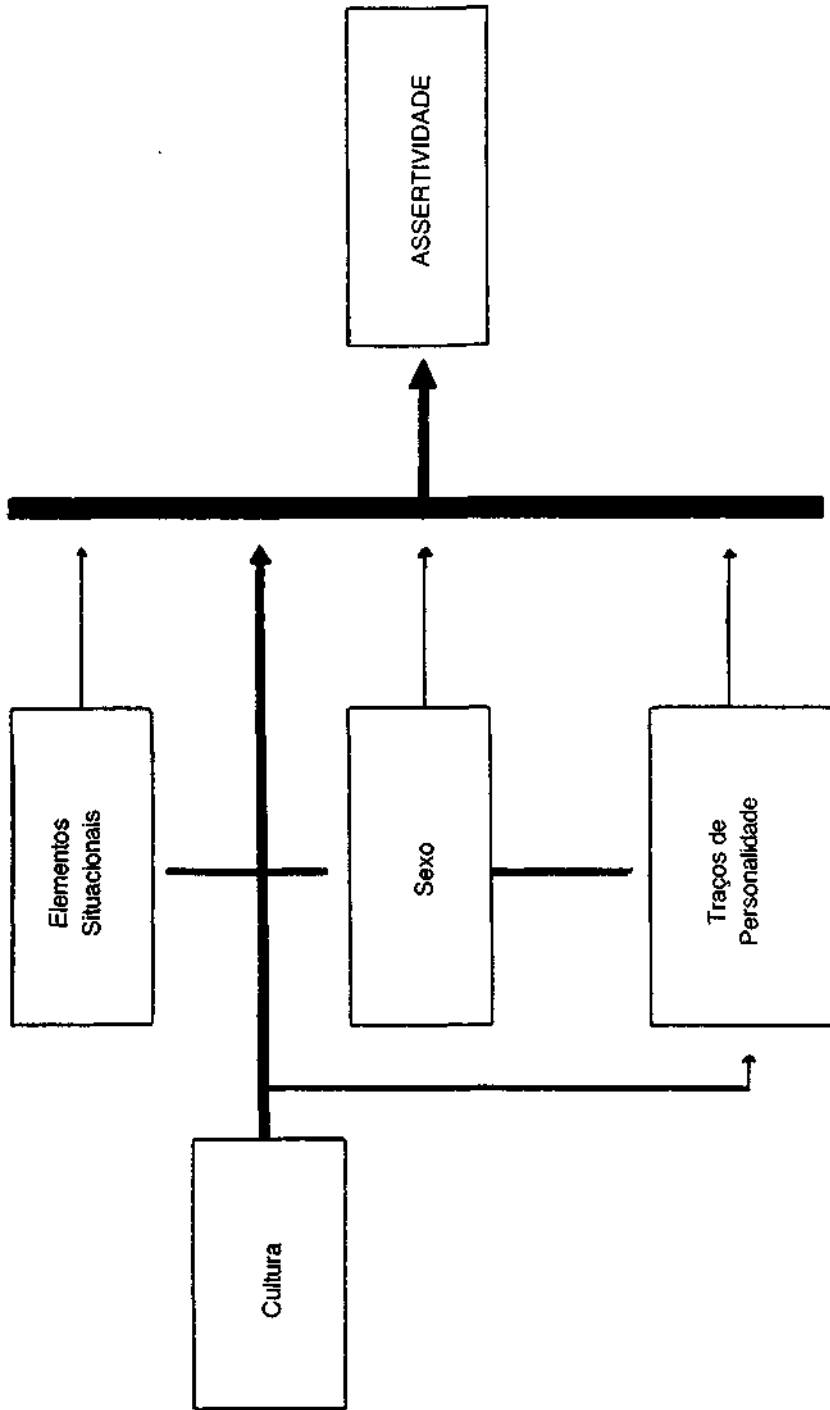
Medidas Verbais

- *A-S Reaction Study* (Allport, 1928): mede o conceito correlato à assertividade, a saber, a dimensão ascendência-submissão. Parte do seu conteúdo já está fora de época (Rathus, 1973).

- *Guilford-Zimmerman Temperament Survey* (Guilford e Zimmerman, 1956): avalia assertividade em uma de suas sub-escalas.

- *Wolpe-Lazarus Assertiveness Questionnaire* (Wolpe e Lazarus, 1966). Os autores não apresentam dados de validade e precisão do instrumento.

MODELO CAUSAL DA ASSERTIVIDADE



-*Action-Situation Inventory* - ASI (Friedman, 1968). Dados sobre a precisão são inexistentes e o disponível sobre a validade não é muito favorável. Por exemplo, as correlações com critérios comportamentais variam entre 0,00 a 0,49.

- *Lawrence Assertive Inventory* - LAI (Lawrence, 1970). A escala de 112 itens é constituída de três fatores: masculino, feminino, desacordo. Os índices de precisão (K-R 20) giram em torno de 0,90, indicando que a escala é boa, exceto para o fator desacordo que é de 0,67, não satisfatório. Em validação de critério (com indicadores comportamentais) as correlações foram baixas (menos de 0,30).

- *Safes & Zimmerman Constriction Scale* (Bates & Zimmerman, 1971). A escala com 37 itens não oferece dados seguros de validade.

- *Rathus Assertiveness Scale* - RAS (Rathus, 1973). Esta escala será detalhada e avaliada mais adiante.

-*College Self-Expression Scale* - CSES (Galassi e col., 1974). Contém 50 itens. Apresenta bons índices de precisão teste-reteste (0,90). Os índices de validade concorrentes encontrados de 0,19 (Bates e Zimmerman, 1971) e 0,33 (Galassi e Galassi, 1974) não são impressionantes. Não existe análise da estrutura fatorial da escala.

-*Conflict Resolution Inventory* - CRI (McFall & Lillesand, 1971). Contém 35 itens que avaliam a habilidade do sujeito em rejeitar pedidos descabidos. O instrumento apresenta bons índices de validade concorrente com tarefas comportamentais: 0,63 e 0,69 (McFall & Lillesand, 1971) e até 0,82 (Loo, 1971).

- *Assertion Inventory* (Gambrell & Richey, 1975). O instrumento é composto de 40 itens que medem vários aspectos de assertividade, embora não se tenha feito uma análise fatorial para verificar esta estrutura. Índices de precisão teste-reteste são da ordem de 0,81 e 0,87. Índices de validade ainda não são convincentes.

De um modo geral, os instrumentos verbais para analisar a assertividade ainda não mostram bases suficientes para a sua validade, além de que as amostras usadas são quase exclusivamente de estudantes universitários.

Medidas Comportamentais (observação de comportamento)

- *Diário*. Consiste em o sujeito observar e relatar num diário as experiências de assertividade ocorridas com ele. Tal método, porém, parece sujeito a muitas distorções (Fixsen, Phillips, & Wolf, 1972).

- *Tarefa Controlada Contrived Task*. São situações em que confederados (cúmplices do experimentador) agem de maneiras predeterminadas (agredir, apoiar, discordar...), sendo discutidas ou gravadas as reações verbais e não-verbais do sujeito. Tentativas nesta área foram feitas por:

- Weinman, Gelbart, Wallace e Post (1972) com a *Behaviorin Critical Situations Scale* - BCSS;

- Friedman (1968) com 15 categorias verbais e 14 não-verbais;

-McFall e Marston (1970) revista por McFall e Lillesand (1971) e McFall e Twentymann (1973) utilizando a técnica de venda por telefone ou de colega pedindo ajudas descabidas.

O problema que existe nesta técnica é a dificuldade de controle da grande quantidade de variáveis e suas interações em situações desta natureza.

-*Role-playing*. Sujeitos são instruídos a se comportarem, em situações simuladas, como o fariam na vida real. As situações podem ser com protagonistas filmados

ou reais. As reações são gravadas em vídeo-tape. McFall e Marston (1970) e Eisler, Miller, e Hersen (1973) utilizaram-se desta técnica.

Como se vê, faz-se pouco uso de técnicas observacionais para avaliar a assertividade. As razões são as grandes dificuldades que ocorrem no emprego delas, sobretudo a situação artificial que o controle do ambiente impõe e a necessidade do uso de avaliadores (Goldfried & Sprafkin, 1974), bem como vieses introduzidos em situações de observação quando o sujeito sabe ou desconfia que está sendo observado (Friedman, 1968).

Medidas Fisiológicas

Estas medidas são ainda menos utilizadas. Há, apenas, o estudo de McFall e Marston (1970) que usou a pulsação como indicador e o de Borkovec, Stone, O'Brien e Kaloupek (1974) para identificar níveis de ansiedade após *role-playing*.

A conclusão que se impõe é a de que os instrumentos e técnicas de medida da assertividade existentes ainda deixam muito a desejar.

Escala de Assertividade Rathus - RAS

Construção da RAS

A RAS foi originalmente criada nos Estados Unidos por S. A. Rathus (1973). Ela é composta por 30 itens objetivos e fechados que descrevem comportamentos em relação a situações do cotidiano, diante das quais os sujeitos empregam um código para dizer o grau de intensidade de sua reação diante destas mesmas situações.

Alguns dos itens da escala basearam-se nas situações de Wolpe (1980) e Wolpe e Lazarus (1966), outros nos itens das escalas de Allport (1928) e Guilford e Zimmerman (1956). Os demais foram sugeridos pelas situações registradas por alunos em sala de aula, nas quais eles descreviam determinados comportamentos que gostariam de manifestar, mas não o faziam com receio de conseqüências sociais aversivas.

Parâmetros Psicométricos da RAS

Precisão

Teste-reteste. O teste foi aplicado a 68 graduandos com idades de 17 a 27 anos, de ambos os sexos, que foram retestados após 8 semanas. O índice de correlação entre as duas aplicações foi moderado ($r=0,778$).

Duas Metades. Com os resultados obtidos da aplicação a 67 pessoas de ambos os sexos (15 a 70 anos) foi feita uma correlação entre itens pares e ímpares da RAS, resultando num índice de 0,772.

Validade

Foram usados dois critérios para estabelecer a validade concorrente da RAS. O primeiro critério foi um diferencial semântico respondido por colegas que conheciam

bem os sujeitos que responderam a RAS. Os colegas avaliaram os sujeitos em 17 itens em termos da impressão que eles causavam nos outros.

Os escores da RAS dos sujeitos correlacionaram com as avaliações dos colegas em itens relevantes ao conceito de assertividade nos seguintes termos:

Correlação de 0,612 com atrevimento (*boldness*)

Correlação de 0,616 com franqueza (*autspokenness*)

Correlação de 0,342 com assertividade

Correlação de 0,537 com agressividade

Correlação de 0,329 com confiança

Correlação de 0,359 com delicadeza (*niceness*).

O segundo critério foi a reação dos sujeitos em cinco situações que exigiam comportamentos de assertividade. A correlação com seus escores da RAS foi de 0,705.

Conclui-se que a RAS tem razoável correlação com outras medidas de assertividade. Contudo, apenas 19 dos 30 itens da RAS se correlacionaram altamente com os seus itens do diferencial semântico. Falta uma análise mais detalhada da estrutura interna da escala através, por exemplo, de uma análise fatorial.

METODOLOGIA EMPREGADA NA ADAPTAÇÃO BRASILEIRA

Tradução

A tradução da RAS foi feita por um psicólogo bilingüe e, em seguida, revisada por outro psicólogo bilingüe, ambos docentes universitários. Quatro estudantes universitários participaram da avaliação semântica dos itens, cujo objetivo principal foi avaliar a compreensão destes.

A tradução original necessitou apenas de alguns ajustes de expressões, resultando em sua versão final (ver Anexo I).

Validação

Dado que a RAS original foi construída para avaliar uma única dimensão (a assertividade), o processo de validação de sua forma adaptada sugeria a verificação desta hipótese através da determinação da estrutura conceitual do instrumento. Portanto, dever-se-ia procurar estabelecer uma validade de construto para o mesmo.

Amostra de Sujeitos e Procedimentos

A RAS foi construída primeiramente para uma população de nível instrucional de final do primeiro grau em diante. Assim, a amostra de validação para a forma adaptada do inventário incluiu secundaristas e universitários, num total de 302 sujeitos. A Tabela 1 apresenta as características desta amostra, onde se observa que ela está equitativamente distribuída em termos de sexo, sendo a amplitude da idade de 12 a 52 anos, com uma média de 19 anos e 7 meses. A maior parte dos sujeitos possui segundo grau incompleto ou superior incompleto, o que era obviamente esperado dado que se tratava de estudantes.

A aplicação da escala se fez de forma coletiva em sala de aula. Após explicação inicial sobre como responder, era apresentada a folha de resposta que, além do

Tabela 1 - Dados Biográficos da Amostra.

Variável e Níveis	Frequência	Porcentagem (%)
SEXO		
Masculino	131	43,4
Feminino	171	56,6
IDADE		
12-15	30	9,9
16-20	182	60,3
21-25	65	21,5
26- +	24	7,9
Sem resposta	1	0,3
Média 19 anos		
ESCOLARIDADE		
1ºGrau	8	2,6
2ºGrau	145	48,0
Superior	141	46,8
Pós-graduação	8	2,6
ESTADO CIVIL		
Solteiro	278	92,1
Casado	21	7,0
Outros	3	1,0
TRABALHA		
Sim	115	38,1
Não	185	61,2
Sem resposta	2	0,7

local para assinalar as respostas, continha também as instruções sobre a escala. Em separado era fornecido o folheto com as questões. Feita a leitura individual das instruções, era dada oportunidade para dirimir dúvidas sobre as mesmas. As instruções insistiam na espontaneidade das respostas e no fato de que não se tratava de respostas certas ou erradas.

Embora não houvesse tempo delimitado para responder o inventário, 20 minutos mostraram-se suficientes para cumprir esta tarefa.

Análises Estatísticas

Para a consecução dos objetivos pareceu importante submeter os dados coletados a uma análise fatorial a fim de verificar a estrutura interna do inventário. As análises fatoriais efetuadas foram o ML (Maximum Likelihood) e Alpha, com rotação Varimax.

Procedeu-se igualmente a uma análise da consistência interna dos fatores resultantes, através do Alpha de Cronbach.

RESULTADOS

Aspectos Técnicos: Validade e Precisão

As análises fatoriais ML e Alpha produziram resultados basicamente idênticos. Optou-se pela análise Alpha por melhor corresponder à natureza do teste, no sentido de considerar os 30 itens do inventário como uma amostra dos itens possíveis para avaliar o construto assertividade.

A Tabela 2 apresenta os resultados da análise Alpha, onde estão assinaladas as cargas consideradas relevantes, isto é, carga igual ou maior que $\pm 0,30$, nos três primeiros fatores, bem como os *eigenvalues*, a percentagem da variância total explicada por cada um deles e o Alpha de Cronbach.

A análise dos *eigenvalues*, do *spree* (a representação gráfica dos *eigenvalues*) e do tamanho das cargas fatoriais mostraram que, do quarto em diante, os fatores se apresentaram irrelevantes dado que os *eigenvalues* se situavam abaixo de 1,5 e que no máximo três itens satisfaziam o critério de carga fatorial 0,30 e nenhum item chegou sequer à carga fatorial de 0,40.

Os resultados da análise fatorial (vide Figura 1) demonstraram a presença de um grande fator e de dois fatores menores. O grande fator, composto de 20 itens, que é bipolar, revela, no seu pólo positivo, o receio que a pessoa tem de enfrentar interações sociais, onde ela se sentiria constrangida em fazer perguntas, negar pedidos ou simplesmente tomar iniciativa na interação. O fator pode ser denominado de inibição *versus* desinibição. Os outros dois fatores, um insistindo mais sobre o aspecto de auto-defesa (defesa do ego) e o outro enfatizando a preocupação em evitar brigas ou desentendimentos com as demais pessoas, aparecem com poucos itens e com cargas fatoriais fracas para se firmarem como fatores definitivos no contexto da RAS.

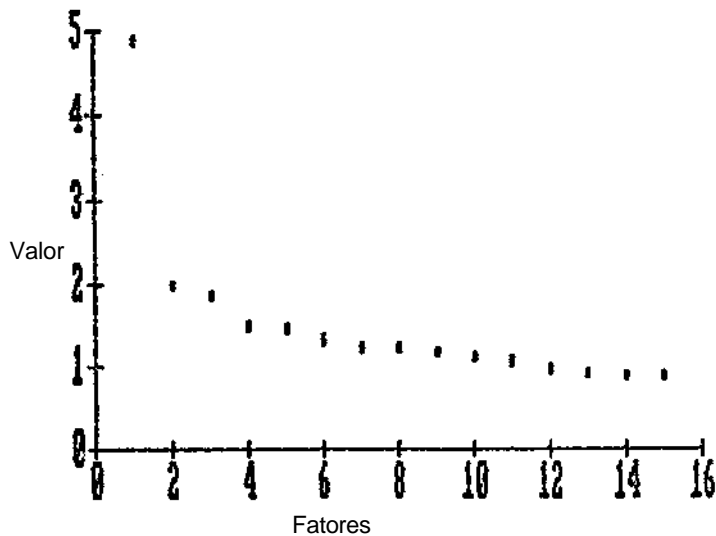


Figura 1 - Distribuição dos *eigenvalues* da análise fatorial alpha

Tabela 2 - Resultados da Análise Fatorial Alpha da RAS (N=302).

Variável	Fator 1	Fator 2	Fator 3
V16	,60021*	-,30737*	-,14450
V23	,58354*	,13129	,10600
V14	,57592*	,07922	,09908
V15	,48927*	,05440	,05770
V11	,47677*	,37072*	-,21740
V02	,47427*	,11442	-,19338
V13	,47044*	-,02302	-,14991
V27	-,46594*	,16827	-,07090
V29	-,46130*	,01047	,16596
V05	,43097*	-,01345	,19075
V09	,39908*	-,05261	,00466
V18	-,37389*	,18232	,25059
V17	,37252*	,17666	-,14680
V24	,36765*	,08282	,03040
V03	-,36382*	,19034	-,34318
V25	-,34491*	,17073	-,33694*
V01	,32793*	,07793	-,01544
V26	,31147*	,34604*	-,12187
V04	,30778*	,00241	,35172*
V12	,29862*	,00850	-,26564
V28	-,28315	-,00629	,02797
V19	,27338	,02303	,36848
V30	,25016	,29749*	-,01949
V21	-,22847	,22375	,14801
V07	-,22094	,25753	-,16846
V06	-,21728	,19899	-,11736
V22	-,17948	,49341*	,15137
V08	-,16501	,36479*	,34716*
V10	-,14174	,21565	,19088
V20	,06429	,38330*	,00504
<i>Eigenvalue</i>	4,83	1,92	1,79
% Variância Total	16,10	6,40	6,00
Número de itens	20	7	4
Alpha	,81	,42	,25

* Itens considerados com boa carga fatorial.

Tabela 3 - Normas Preliminares da RAS Adaptada (N=297)*

Escore Bruto	Escore T	Escore Bruto	Escore T
20-30	25	74	56
31	26	75- 76	57
32	27	77	58
33-35	28	78- 79	59
36	30	80	60
37	31	81- 82	61
38-39	32	83	62
40-41	33	84- 85	63
42-43	34	86	64
44	35	87- 88	65
45	36	89	66
46-47	37	90- 91	67
48	38	92	68
49-50	39	93- 94	69
51	40	95- 96	70
52	41	97	71
53-54	42	98- 99	72
55	43	100- 101	73
56-57	44	102- 107	75
58	45	108- 109	79
59-60	46	110- 111	80
61	47	112- 113	82
62-63	48	114	83
64	49	115- 116	84
65-66	50	117- 118	85
67	51	119	86
68-69	52	120	87
70	53		
71-72	54	Média = 50	
73	55	Desvio Padrão = 10	

* 5 casos foram eliminados.

Uma análise da consistência interna do fator inibição *versus* desinibição, mostrou que todos os itens têm uma correlação razoável com o mesmo, sendo a precisão de 0,81 (Alpha de Cronbach).

Pode-se concluir, por conseguinte, que a RAS composta de 20 itens se constitui num instrumento válido (validade de construto) e preciso para avaliar a assertividade quando ela implica interação direta com outras pessoas. Há que ressaltar, entretanto, que este aspecto parece não cobrir toda a gama do conceito de assertivida-

de como ficou detalhado anteriormente. De fato, a capacidade de se sentir livre para expressar seus sentimentos positivos e negativos não aparece clara no fator inibição versus desinibição, bem como o instrumento não engloba situações que envolvem comportamentos de auto-defesa.

Diante do contexto podemos concluir que, em concordância com a análise de Rich & Schroeder (1976), esta área de assertividade carece ainda de um instrumento mais adequado, capaz de melhor avaliar a assertividade sobretudo na sua amplitude conceitual.

Normas Preliminares

Com os dados dos 302 sujeitos foi possível desenvolver normas provisórias para a interpretação clínica dos escores brutos (ver Tabela 3*). Tais normas estão apresentadas em termos de escore/, com média de 50 e desvio padrão 10.

As normas são únicas, dado que as variáveis biográficas (sexo, idade, nível escolar e estado civil) não apresentaram nenhuma diferença significativa entre seus vários níveis. É possível que a não diferença nos escores de assertividade dos grupos representados neste estudo seja devida às especificidades e relativa homogeneidade da amostra. Evidentemente, a normatização definitiva da escala exige amostras mais abrangentes.

REFERÊNCIAS

- Alberti, R. E., & Emmons, M. L. (1974). *You're perfect right: A guide to assertive behavior*. San Luis Obispo, California: Impact.
- Allport, G. (1928). *4-S reaction study*. Boston: Houghton-Mifflin.
- Bates, H. D., & Zimmerman, S. F. (1971). Toward the development of a screening scale for assertive training. *Psychological Reports*, 28, 99-107.
- Borkovec, T. D., Stone, N. M., O'Brien, G. T., & Kaloupek, D. G. (1974). Evaluation of a clinically relevant target behavior for analog outcome research. *Behavior Therapy*, 5, 503-513.
- Broverman, I. K., Broverman, D. M., Clarkson, F. E., Rosenkrantz, P. S., & Vogel, S. R. (1970). Sex-role stereotypes and clinical judgments of mental health. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 34, 1-7.
- Cattell, R. B. (1965). *The scientific analysis of personality*. Baltimore: Penguin Books.
- Delamater, R. J., & McNamara, J. R. (1985). Perceptions of assertiveness by high - and low-assertive female college students. *The Journal of Psychology*, 779(6), 581-586.
- Eisler, R. M., Hersen, M., Miller, P. M., & Blanchard, E. B. (1975). Situational determinants of assertive behaviors. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 43, 330-340.
- Eisler, R. M., Miller, P. M., & Hersen, M. (1973). Components of assertive behavior.

* Na página anterior.

- Journal of Clinical Psychology*, 29, 295-299.
- Epstein, N. (1980). Social consequences of assertion, aggression, passive aggression, and submission: Situational and dispositional determinants. *Behavior Therapy*, 11, 662-669.
- Fixsen, D. I., Phillips, E. I., & Wolf, M. M. (1972). Achievement place: The reliability of self-reporting and peer-reporting and their effects on behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 5, 19-30.
- Friedman, P. M. (1968). The effects of modeling and role playing on assertive behavior. *Dissertation Abstracts*, 29, 3557B-4901B.
- Galassi, J. P., DeLeo, J. S., Galassi, M. D. & Bastien, S. (1974). The college Self-Expression Scale: A measure of assertiveness. *Behavior Therapy*, 5, 165-171.
- Galassi, J. P., & Galassi, M. D. (1974). Validity of a measure of assertiveness. *Journal of Counseling Psychology*, 21, 248-250.
- Gambrill, E. D., & Richey, C. A. (1975). An assertion inventory for use in assessment and research. *Behavior Therapy*, 6, 550-561.
- Goldfried, A. P., & Sprafkin, J. N. (1974). *Behavioral personality assessment*. Morristown, J. N.: General Learning Press.
- Goldstein, A. P., Martens, J., Hubben, J., Van Belle, H. A., Schaaf, W., Weirsmas, & Goedhart, A. (1973). The use of modeling to increase independent behavior. *Behavior Research and Therapy*, 11, 31-42.
- Guilford, J. P., & Zimmerman, W. S. (1956). *The Guilford-Zimmerman Temperament Survey*. Beverly Hills, California: Sheridan Psychology Services.
- Hrop, S., & Rakos, R. F. (1985). The influence of race in the evaluation of assertion in conflict situations. *Behavior Therapy*, 16, 478-493.
- Hull, D. B., & Schoeder, H. E. (1979). Some interpersonal effects of assertion, nonassertion and aggression. *Behavior Therapy*, 10, 22-28.
- Kern, J. M. (1982). Predicting the impact of assertive, empathic-assertive, and non-assertive behavior: The assertiveness of the asserter. *Behavior Therapy*, 13, 486-498.
- Kern, J. M., Cavell, T. A., & Beck, B. (1985). Predicting differential reactions to 'males' versus females' assertions, empathic-assertions, and nonassertions. *Behavior Therapy*, 16, 63-75.
- Kelley, J. A., Kern, J. M., Kirkley, G. B., Patterson, J. N. & Keane, T. M. (1980). Reactions to assertive versus unassertive behavior: Differential effects for males and females and implications for assertive training. *Behavior Therapy*, 11, 670-681.
- Lawrence, P. S. (1970). The assessment and modification of assertive behavior. *Dissertation Abstracts International*, 31, 1B-971B.
- Lazarus, A. A. (1971). *Behavior therapy and beyond*. New York: McGraw-Hill.
- Lazarus, A. A. (1973). On assertive behavior: A brief note. *Behavior Therapy*, 4, 697-699.
- Lieberman, R. P. (1972). *A guide to behavioral analysis and therapy*. New York: Pergamon.

- Lao, R. C., Upchurch, W. H., Corwin, B. J., & Grassnickle, W. F. (1975). Biased attitudes towards females as indicated by intelligence and likeability. *Psychological Reports, 37*, 1315-1320.
- Loo, R. M. (1971). *The effects of projected consequences and overt behavioral rehearsal on assertive behavior*. Unpublished doctoral dissertation, University of Illinois.
- McFall, R. M., & Lillesand, D. B. (1971). Behavior rehearsal with modeling and coaching in assertion training. *Journal of Abnormal Psychology, 77*, 313-323.
- McFall, R. M., & Marston, A. R. (1970). An experimental investigation of behavior rehearsal in assertive training. *Journal of Abnormal Psychology, 76*, 295-303.
- McFall, R. M., & Twentyman, C. T. (1973). Four experiments on the relative contributions of rehearsal, modeling, and coaching to assertion training. *Journal of Abnormal Psychology, 81*, 199-218.
- Meyer, R. (1971). The art of refusal. *British Journal of Criminology, 11*, 265-274.
- O'Connor, R. D. (1969). Modification of social withdrawal through symbolic modeling. *Journal of Applied Behavior Analysis, 2*, 15-22.
- Rakos, R. F., & Hrop, S. (1983). The influence of positive content and mode of presentation on the social evaluation of assertive behavior in conflict situations. *Behavior Counseling and Community Interventions, 3*, 153-164.
- Rathus, S. A. (1973). A 30-item schedule for assessing assertive behavior. *Behavior Therapy, 4*, 398-406.
- Rich, A. R., & Schroeder, H. E. (1976). Research issues in assertiveness training. *Psychology Bulletin, 03(6)*, 1081-1096.
- Rosenkrantz, P., Vogel, S., Bee, H., Broverman, I., & Broverman, D. M. (1968). Sex-role stereotypes and self-concepts in college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 32*, 287-295.
- Salter, A. (1949). *Conditioned reflex therapy*. New York: Farrar, Strauss.
- Serber, M. (1972). Teaching the non-verbal components of assertive training. *Journal of Behavior and Experimental Psychiatry, 3*, 179-183.
- Vestewing, R. E., & Mose, M. K. (1976). The relationship of extroversion and neuroticism to two measures of assertive behavior. *The Journal of Psychology, 93*, 141-146.
- Weinman, B., Gelbart, P., Wallace, M., & Post, M. (1972). Inducing assertive behavior in chronic schizophrenics: A comparison of socioenvironmental, desensitization, and relaxation therapies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 39*, 246-252.
- Williams, J. M., & Stout, J. K. (1985). The effects of high and low assertiveness on locus of control and health problems. *The Journal the Psychology, 119(2)*, 169-173.
- Wolpe, J. (1958). *Psychotherapy by reciprocal inhibition*. Stanford, California: Stanford University Press.
- Wolpe, J. (1980). *Prática da terapia comportamental (3- edição)*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Wolpe, J., & Lazarus, A. A. (1966). *Behavior therapy techniques*. New York: Pergamon Press.

Woolfolk, L., & Dever, S. (1979). Perception of assertion: An empirical analysis. *Behavior Therapy*, 10,404-411.

Recebido em 19/9/90.

ANEXO I ESCALA DE ASSERTIVIDADE RATHUS - RAS

01. A maioria das pessoas parece ser mais agressiva e assertiva do que eu.
02. Eu tenho hesitado em marcar ou aceitar encontros por causa de minha "timidez".
03. Quando a comida servida em um restaurante não é do meu agrado, eu reclamo ao garçon ou garçonete.
04. Eu tomo cuidado para evitar magoar os sentimentos das pessoas, mesmo quando sinto que fui ofendido.
05. Se um vendedor faz grande esforço para me mostrar mercadoria que não é exatamente o que eu queria, tenho dificuldade em dizer "Não".
06. Quando me pedem para fazer alguma coisa, eu insisto em saber o porquê.
07. Existem momentos em que gosto de uma boa "briguinha".
08. Eu procuro progredir na vida tanto quanto a maioria das pessoas em minha posição profissional.
09. Para dizer a verdade, as pessoas freqüentemente tiram vantagem de mim.
10. Gosto de iniciar conversa com pessoas que acabo de conhecer e com estranhos.
11. Freqüentemente não sei o que dizer a pessoas atraentes do sexo oposto.
12. Eu hesitaria em fazer chamadas telefônicas para estabelecimentos comerciais e instituições.
13. Eu preferiria escrever uma carta para pedir emprego ou admissão em uma instituição do que submeter-se a uma entrevista cara-a-cara.
14. Eu acho embaraçoso devolver mercadorias defeituosas.
15. Se um parente próximo e respeitado estiver me aborrecendo, prefiro abafar meus sentimentos do que expressar meu aborrecimento.
16. Tenho evitado fazer perguntas por receio de parecer ignorante (burro).
17. Às vezes, durante uma discussão, tenho receio de ficar tão aborrecido (transtornado) e começar a tremer todo.
18. Se um conferencista famoso e respeitado faz uma declaração que penso estar incorreta, farei com que meu ponto de vista seja igualmente ouvido.
19. Eu evito discutir preços com balconistas e vendedores.
20. Quando faço alguma coisa importante ou que vale a pena, eu dou um jeito para que as outras pessoas fiquem sabendo.
21. Sou aberto e franco sobre os meus sentimentos.
22. Se alguém vem espalhando estórias falsas a meu respeito, eu o procuro o mais rápido possível para termos uma conversa sobre o assunto.

23. Eu freqüentemente tenho dificuldade em dizer "Não".
24. Eu tendo a reprimir minhas emoções ao invés de fazer uma cena (um escândalo).
25. Eu reclamo do serviço quando o acho deficiente em um restaurante ou qualquer lugar.
26. Quando recebo um elogio, às vezes não sei o que dizer.
27. Se um casal perto de mim em um teatro ou em uma conferência estiver conversando alto, eu pediria para ficarem quietos ou para irem conversar em outro lugar.
28. Se alguém fura a fila na minha frente, está me provocando para briga.
29. Sou rápido para expressar uma opinião.
30. Existem momentos quando não consigo dizer coisa alguma.

